



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/escrevivendo1/>

Escrevivendo[1] e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie

Marcos Reigota[2]

RESUMO: O ensaio aborda o encontro do autor com a instalação *Them*, de Daniel Lie, em Genebra, em maio de 2022, no qual reflexões e sensações estão entrelaçadas com acontecimentos coletivos e pessoais, tais como: guerras e genocídios, Covid-19, aquecimento global, exílios, rupturas e elaborações teóricas, pedagógicas e políticas. Destaca a presença e o diálogo com Gerd Bornheim, Iole de Freitas, Marta Catunda, Paulo Freire e Pedro Lemebel, tendo a cidade suíça como protagonista e território dos afetos, deslocamentos e convergências. A instalação possibilitou recorrer à noção de *escrevivendo* empregada por Walter Smetak, que procura captar e explicitar os instantes vividos e suas conexões artísticas, filosóficas e literárias, assim como a observação de si (através da trajetória de Lie e do autor), em relação com seres humanos e mais-que-humanos, em diferentes momentos e situações. O ensaio aborda temáticas e exercícios conceituais relacionados com a Perspectiva Ecologista de Educação, que é pautada na exposição pública das experiências e dos registros da vida cotidiana e suas dimensões políticas e existenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Daniel Lie. Escrevivendo. Perspectiva Ecologista de Educação.

“Write-living” and visual and audible accounts of the installation *Them*, by Daniel Lie

ABSTRACT: In this essay, the author discusses his encounter with the installation ‘Them’, by Daniel Lie, in Geneva, in May 2022, in which reflections and sensations are intertwined with collective and personal incidents such as: wars and genocide, Covid-19, global warming, exiles, ruptures, and theoretical, pedagogical, and political constructions. Highlighting the presence of, and in conversation with, Gerd Bornheim, Iole de Freitas, Marta Catunda, Paulo Freire, and Pedro



Lemebel, it places the Swiss city as the protagonist and location for affections, movement, and convergences. The installation allows consideration of the notion of write-living, as applied by Walter Smetak, which seeks to capture and clarify lived instants and their artistic, philosophical, and literary connections, as well as the observation of self (by means of the trajectory of Lie and of the author), as relates to human and more-than-human beings, in different moments and situations. In this essay the author discusses conceptual themes and exercises associated with the Ecological Perspective of Education, based on the public display of the experiences and accounts of daily life, and its political and existential dimensions.

PALABRAS CLAVE: Daniel Lie. Write-living. Ecological Perspective of Education.

As altas temperaturas diárias antecipavam o verão e agitavam Genebra. As precauções relacionadas com a pandemia foram deixadas de lado. As ruas, praias, bares e restaurantes estavam lotados. Os parques, museus e bibliotecas eram os locais ideais para fugir das aglomerações. Estava na cidade para concluir uma longa pesquisa sobre a obra de Paulo Freire, sem nenhum compromisso institucional ou contas a prestar a alguma agência financiadora, pública ou privada. Era também uma despedida de uma temática iniciada em 1979. Poucos meses antes, havia pedido demissão da universidade comunitária onde trabalhei por 24 anos e me desligado do sistema de pesquisadores de produtividade científica do CNPq, no qual permaneci por 12 anos. Esse processo de rupturas e de encerramentos de atividades oficiais de pesquisa, ensino e extensão foi precedido de minha participação no curso oferecido por Iole de Freitas no Instituto de Arte Contemporânea de São Paulo (novembro de 2021) e nos encontros online por ela oferecidos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro (de janeiro a maio de 2022). Nesse contexto e momento específicos, foi inevitável não traçar um paralelo entre a presença de Paulo Freire em Genebra e a minha própria trajetória pessoal, política e profissional naquela cidade [3].

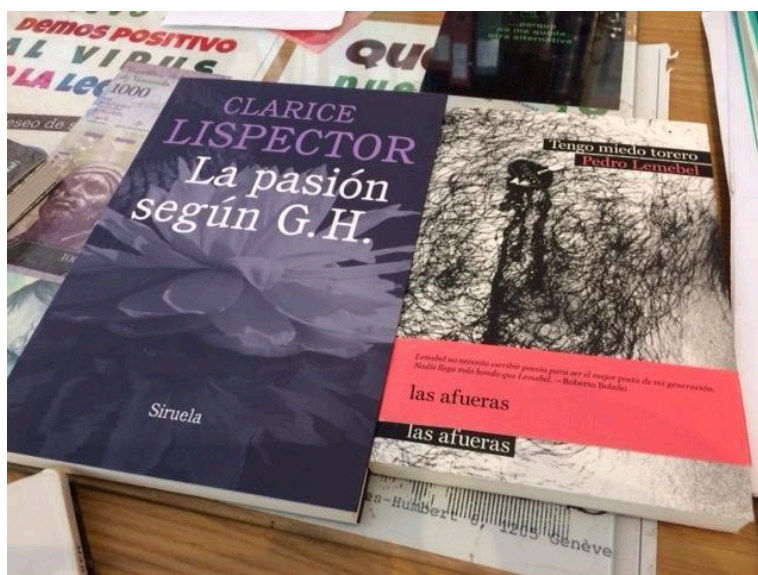
Nas três semanas em que lá estive, pretendia pesquisar nos arquivos das instituições genebrinas onde Paulo Freire atuou, ou seja, na Universidade de Genebra e no Conselho Mundial das Igrejas.



Caminhava pela cidade, imaginando percursos cotidianos realizados por Paulo Freire, traçando uma cartografia imaginária. Algumas livrarias comerciais expunham a nova edição francesa do livro *Pedagogia do Oprimido* [4] e em uma delas, o livro procurado estava bem próximo do Yanomami *l'esprit de la forêt*, de Bruce Albert e Davi Kopenawa [5].

Fui até a livraria “gauchista” que frequentava quando lá morei no início dos anos 1990, mas não encontrei o livro de Freire. Enquanto percorria aquela livraria que me era tão familiar, um jovem funcionário se aproximou e lançou a questão: Posso ajudá-lo? Ele não conhecia Paulo Freire, nem tinha informações sobre o livro. Correu até o computador e me disse que, caso eu quisesse, o livro estaria disponível em três dias. Não longe dali podia-se ouvir Hubert-Félix Thiéfaine cantar *Page noire* e *Combien de jours encore* [6].

Em outra livraria que frequentava décadas atrás, especializada em autoras e autores latino-americanos, deparei-me com Clarice Lispector ao lado de Pedro Lemebel, mas de Paulo Freire não havia nada.



A temperatura continuava alta. Os parques eram uma excelente opção para repouso, escrita e leitura. Em um deles, estava programada a terceira edição da *Sculpture Garden Geneva Biennale*. Estive na inauguração no Parc des Eaux-Vives, obtive um catálogo impresso, gratuito [7], e o que de imediato me chamou atenção foi a quantidade de poderosos patrocínios de grifes luxuosas e de



bancos suíços. Com o catálogo em mãos, e incomodado com o intenso calor e pelo excessivo poder econômico dos patrocinadores, visitei cinco ou seis esculturas. Apenas *Where You They Form*, de Elif Erkan, chamou a minha atenção.

Voltei ao parque no dia seguinte e de longe avistei uma instalação por entre sequoias. Aproximei-me aplaudindo o que via. À sombra, observava o trabalho da ou do artista que até aquele momento não sabia quem era. Observava também as reações e sensações que a instalação com vasos em cerâmica, tecidos ao vento, cordas e nós amalgamados com o canto e a presença de inúmeros pássaros, vozes de crianças ao longe, risadas de rapazes jogando futebol e de meninas dançando e cantando uma música pop dos anos 1970, o aroma da marijuana e a silhueta de árvores centenárias por perto me provocavam. Um casal ouvia *Don't Worry Be Happy*, com Bobby McFerrin. Nesse cenário, pairavam as dores de mais uma guerra no continente europeu e as ameaças de um ataque nuclear na Ucrânia por parte da Rússia. Hiroshima e Nagasaki não se esquece. As lembranças da guerra que destruiu a ex-Iugoslávia eram inevitáveis. Os muros e paredes estavam lá, como suporte para as mensagens do tempo presente. Frases de uma nacionalidade afirmavam que o Kosovo é um país independente e frases de outra nacionalidade afirmavam que o Kosovo é território sérvio. Os dias dos massacres em Ruanda e no Burundi estão distantes e as feridas continuam abertas.

Devo ter ficado mais de meia hora sob, com e na instalação, fotografando-a de vários ângulos. Havia deixado o catálogo onde me hospedava e estava sem acesso imediato à internet. Desnudo de qualquer informação prévia, mas tendo muito presente os encontros com Iole de Freitas (relembrando algumas das observações que ela fazia sobre o seu trabalho de escultora), refletia sobre o que estava vendo e vivenciando[8] naquele momento e ambiente, e me indagava: quais comentários e quais relações com outras obras e artistas Iole de Freitas faria que ampliariam as reflexões, conhecimentos e sensações a partir do que estava diante dos nossos olhos, mas além deles? Tendo como referência o convite à reflexão, ao diálogo e ao aprofundamento de nossas sensações, que Iole de Freitas nos fazia semanalmente, arrisquei relacionar (para mim mesmo), sem nenhuma segurança e pretensão analítica e/ou crítica, que aquela instalação me remetia a Hélio Oiticica, Frans Krajcberg e Lygia Clark, tendo claro que essas relações eram tênues e mesmo



anacrônicas. Talvez *Réservoir*, do artista estadunidense John Grade[9], fosse a que mais se aproximasse da instalação à qual dedicava tempo e reflexão desfrutando de sensações inusitadas e nada corriqueiras.

O que diriam, então, Gerd Bornheim e Marta Catunda?

Ao deixar o parque, encontrei uma pequena placa informativa sobre a instalação. Tratava-se de *Them*, de Daniel Lie, com um breve texto, em francês e inglês, com a seguinte observação:

[...] Na prática artística de Daniel Lie, o tempo e os ecossistemas representam um papel essencial. O artista cria instalações nas quais os elementos orgânicos vivos e transformados, realizam assim sua própria temporalidade e suas próprias intenções. Para *Sculpture Garden*, Lie criou uma instalação *in situ* suspensa em sequoias monumentais. O artista aborda esses seres não humanos, de mais de dois séculos de idade, com respeito e se inspira de sua disposição em meio círculo, criando uma forma de santuário no qual as e os visitantes podem se recolher por um tempo. Como indica o título *Them*, a instalação flutuando livremente perturba as estruturas do pensamento binário, tais como passado e presente, humano e não humano, exposição e introspecção[10].

Daniel Lie não me era totalmente desconhecido, mas precisei de algum tempo para me lembrar de onde o conhecia. A primeira vez que vi um trabalho seu[11] foi na exposição coletiva *Brasilidade Pós-modernismo 2022*, no Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo[12].

Marcado pelo primeiro encontro com a sua instalação em Genebra, procurei informações na internet. A primeira que encontrei foi uma conversa com Wong Binghao e com Madeline Murphy na qual Daniel Lie observa o impacto que o livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, lhe causou, quando estudava na Universidade Estadual Paulista em São Paulo[13].

A força de uma conversa

Na conversa, com Wong Binghao e Madeleine Murphy, Daniel Lie nos oferece alguns detalhes sobre a sua trajetória pessoal no período em que residiu na Zona Leste em São Paulo e sobre a sua família (mãe pernambucana e pai indonésio), assim como sobre seus posicionamentos em relação



à ecologia, transição de gênero e sobre a covid-19, que ceifou a vida de seu pai. O texto traz inúmeras fotos de suas instalações realizadas em diferentes países que exemplificam a originalidade de seu pensamento estético, pedagógico e político. A leitura me remeteu, inevitavelmente, ao conceito de “sujeito da história” presente na obra freireana, e me levou a estabelecer relações com a perspectiva ecologista de educação[14], com o trabalho que o professor e pesquisador Thiago Ranniery tem desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro[15] e com a tese de Éder Rodrigues Proença[16].



O calor continuava intenso. O parque estava repleto de crianças, idosas e idosos, estudantes em férias e de jovens casais, heterossexuais e homossexuais, com seus filhos e filhas envoltos pelos inúmeros apetrechos e utensílios que o recente *baby boom* europeu tem produzido. As ruas dantes percorridas por Fiódor Dostoiévski, Jorge Luis Borges e Robert Musil estavam com o colorido das e dos anônimos estrangeiros de diferentes classes sociais, com rostos crispados de preocupações e ou com sorrisos generosos, protagonizando cenas de camaradagem, cumplicidade, afetos e solitudes. Ouvia o álbum *Hostipitality Suite*[17], de Jacques Coursil, no qual ele interpreta, lê e homenageia Jacques Derrida. À voz rouca e blue de Jacques Coursil agregava-se o ruído das



máquinas e ferramentas utilizadas pelos jardineiros, ampliando a paisagem sonora, a reflexão e a permanência naquele ambiente.

Conexões

A terceira visita ao Parc des Eaux-Vives possibilitou apreciar (antes de chegar à instalação de Daniel Lie) e olhar com mais atenção as esculturas expostas, ler as informações sobre as e os artistas e estabelecer relações entre umas e outras, sem perder de vista as observações feitas por Iole de Freitas nos últimos meses. No percurso até *Them* também se faziam presentes Ana Lowenhaupt Tsing, autora dos artigos que compõem a obra seminal *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*[18] e Paulo Freire com o livro *Dialogando com a própria história*, em co-autoria com Sérgio Guimarães [19].

Acompanhava com o olhar o movimento dos tecidos tingidos, os vasos, os laços, as cordas, os nós e o movimento das pessoas que se aproximavam e que ficavam por perto por algum tempo. Havia um movimento de repetição do meu olhar e das sensações de bem-estar. O vento, as flores, o canto dos pássaros, os ruídos diversos foram sendo incorporados à instalação. Mas quais outras sonoridades poderiam ser ouvidas ali, como complemento à instalação? Provavelmente Marta Catunda diria que a mais preciosa paisagem sonora é a produzida pelos imprevistos sons, ruídos e silêncios, e era ao imprevisto, ao instante, que deveríamos estar atentos [20]. Ela certamente incluiria na sua argumentação algumas passagens do livro *Francis Bacon: lógica da sensação*, de Gilles Deleuze.

Para quem teve a oportunidade de ouvir Gerd Bornheim, numa tarde de verão quando o século XXI se iniciava, e acompanhar o seu precursor trabalho sobre filosofia, arte e ecologia, ficou o alerta de que a percepção do mundo e da existência transita pelo mergulho nas linguagens não convencionais e inquietas do cinema, da literatura, do teatro e das artes visuais. “E da música professor Gerd. E da música...”, alguém lhe disse. E das “cousas” professor Gerd, e das “cousas...”, alguém completou. Ele ria satisfeito e concordava com os jovens que com ele dialogavam na Universidade Federal do Rio de Janeiro [21].



Os enormes vasos em barro evidenciados por Daniel Lie em *Them* me remetiam às artesãs da Moita Redonda, em Cascavel, no Ceará; a uma passagem sobre a filosofia de Heidegger[22] e ao filme “*O Jarro*”[23], de Ebrahim Forouzesh. Mas e para Daniel Lie? Seriam uma referência e homenagem à mãe e a vó, Dona Lindalva[24], às mulheres nordestinas, que como elas, migraram para São Paulo? Teriam sido produzidos pelos meninos artesãos que vivem nas imediações da Serra da Capivara no Piauí ou pelos ceramistas de Caruaru? Quantas mãos e conhecimentos foram necessários para realizá-los e transportá-los até Genebra? O movimento dos tecidos pendurados nos galhos e os nós das cordas ofereciam um toque de leveza oriental e, como os vasos, de conhecimentos ancestrais. Teria esse movimento uma relação com a herança cultural herdada por Daniel de seu pai, recém-falecido aos 64 anos?

O luto. A cura (se cura houver).

Encontrar espaços de recolhimento da dor das rupturas e das despedidas inevitáveis dos últimos anos, marcadas pela pandemia e sob um governo de extrema direita. Dar-se o tempo do luto para recompor-se e voltar à lida & luta, à labuta, na defesa do que sobrou da hecatombe. *Homenagem às chagas*[25]. Limpar-se da gosma da *farinha do desprezo*[26]. Reconhecer seus odores, proximidades e efeitos. Decomposição. Desconstrução. Não se deixar submergir pelas mesquinhas previsíveis e pelas inesperadas. Tacapes. A fúria do samurai zen. A flecha do arqueiro *Kaingang*. *Deus e o diabo na terra do sol; Terra em transe; Cabezas cortadas*[27]. Em legítima defesa. Dispende o que for necessário, recomendável e possível no exercício da cura, nesse constante movimento. *Movimento dos barcos*[28]. Rocha. Reconhecer os limites e as possibilidades de transmutar-se, no cotidiano. Homens e mulheres sem nenhuma qualidade. Sem nenhuma qualidade[29]. A banalidade da crueldade[30]. *Políticas da inimizade*[31]. A maquinaria da produção de ausência de sentidos. Todos esses livros não lidos (ainda). Todos esses livros para serem relidos. Todas essas músicas para ouvir e esses corpos para experimentar. Todas essas flores. As primaveras...



Os abraços dados, oferecidos e os recusados. A boniteza em Paulo Freire[32]. Peles. Tecidos. Entranhas. Tripas. Urnas funerárias. Urnas eletrônicas. Genocídio. Feminicídio. Homofobia. Transfobia. Intolerância. Pó. Até que tudo vire pó! Poeira das e nas botas. Nos pés. No rosto cansado das línguas tiranas[33]. Argila. Argiloso. Barro. Barroso e Barroco[34]. Atravessar *Paradiso*[35] pelo movimento da existência, das canções, dos traços. Das marcas do tempo, dos ziguezagues das borboletas, dos esporos, dos ácaros, das migalhas, dos vírus, dos endereços, das e dos refugiados, das e dos humilhados do parque[36]. *Humilhados e ofendidos*[37]. Vazios. *Janelas abertas*[38]. As guerras intermináveis. Os silêncios. As armas nucleares. As armas químicas. As armas biológicas. Os drones certos. Nunca mais soube do Jonas, que fez 25 anos no ano 2000[39]. A colega de Nova Deli perguntou pelo Paulo Belinatti. Chá de folhas secas do Jucá (*Caesalpinia ferrea*) colhidas por mãos amigas. Um ou outro amigo por perto. Uma ou outra amiga por perto. Amigues. Aqui e acolá. Correndo perigo. Uma roupa bonita. Costuras para entregar.



Muitas costuras para entregar. A lealdade canina. Então venha. “Mi casa es tu casa” ouve-se dizer constantemente em Cuba.

(Im)Prováveis (Des) Encontros.

Estaria Daniel Lie em Genebra? Em Berlim[40]? Em São Paulo? Na Casa do Povo[41]? Em Jakarta[42]? Visitando a família paterna na Indonésia[43]? Localizei seu *e-mail* e lhe enviei uma mensagem, anexando algumas fotos que havia feito de sua instalação.

Daniel Lie respondeu ao meu e-mail destacando o processo de tingimento dos tecidos com cúrcuma e a mudança de coloração acontecida desde que, uma semana antes, a instalação tinha sido preparada[44]. Comentou sobre a relação que fiz do seu trabalho com a *Ecologia Inventiva*[45], denominação essa dada ao movimento epistemológico, pedagógico e político iniciado pelo grupo de pesquisa do professor da Universidade Federal de Santa Catarina Leandro Belinaso Guimarães, e reagiu com entusiasmo à referência que fiz a Paulo Freire.

No segundo e-mail que lhe enviei, comuniquei que um dos vasos tinha sido alterado de um dia para o outro e anexe as respectivas fotos. A resposta de Daniel Lie foi semelhante ao comentário que Iole de Freitas havia feito em certa ocasião em relação às alterações que as obras expostas em espaços abertos recebem, independentemente da intenção da ou do artista.





Mexeram nos vasos





Um artigo

Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly são professores na Universidade de Genebra. Procurando compreender a imensa popularidade de Paulo Freire, como indagam na primeira frase do resumo do artigo *Ancrages et transferts transcontinentaux des positions de Paulo Freire: une théorie de la pratique de la liberté plus qu'une théorie de l'éducation*[46], apóiam seus argumentos em dados quantitativos e em análises dos livros do pernambucano, em diálogo com alguns dos mais conhecidos estudiosos da obra de Paulo Freire. Fato raro na literatura especializada internacional, recorrem a estudos publicados em português por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e portugueses. O artigo é uma homenagem a Rosiska Darcy de Oliveira, Pierre Dominicé e Pierre Furter, pelo trabalho de análise crítica do pensamento de Freire que fizeram e apresentaram à autora e ao autor do artigo quando ambos estudavam na Universidade de Genebra, nos anos 1980. Hofstetter e Schneuwly tiveram acesso aos arquivos da Universidade de Genebra que preservam o material relacionado às atividades de Freire naquela universidade. De forma geral, as análises críticas da autora e do autor do artigo complementam o que as e os entrevistados disseram sobre a obra e presença de Freire em Genebra nos anos 1970 no episódio “*O Exílio*” da série *Paulo Freire, um Homem do Mundo de Cristiano Burlan* [47].

Ambos destacam a presença do pensamento freireano no campo das artes e, na nota de pé de página número 5, na página 13, citam um artigo de Carmen Morsch[48] e as atividades do coletivo *Microsillons* em Genebra[49]. Tendo como base a edição francesa do livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, de 2013, e a edição brasileira de 1996 do referido livro, Bernard Schneuwly e Rita Hofstetter fazem uma rigorosa análise e citam, na página



19, uma passagem da apresentação escrita por Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire) para a edição francesa. Nita Freire observa, nesse texto, que *Pedagogia da autonomia* é um livro síntese e um testemunho da presença de Paulo (como ela se refere a ele) no mundo[50]. Condizentes com a afirmação que consta no título do artigo, secundarizando e colocando em questão os aspectos pedagógicos (e também políticos) da obra de Freire, particularmente sobre o livro que marcou Daniel Lie, a autora e o autor lançam, na página 20, um veredicto pouco favorável, em três constatações. Na primeira delas observam que: “se trata de um livro que contém poucas referências, que parece não estar situado teoricamente, apresentando ao todo cinco textos de outros autores e autoras [...]”. Na segunda constatação, observam que: “As poucas referências a outros (textos, autores e autoras) estão relacionados com aspectos menores de sua argumentação”. E por último afirmam que “Freire cita sobretudo ele próprio, ao todo 15 vezes, remetendo aos seus livros” [51].

Tendo como base inúmeros estudos realizados por colegas das mais diversas nacionalidades, especializações e gerações, além de minha própria experiência como pesquisador, professor e ativista, posiciono-me contrariamente à hipótese inicial apresentada no título do artigo e à conclusão apresentada pela professora e pelo professor da Universidade Genebra.

Os trabalhos investigativos aos quais tive acesso, desenvolvidos ao longo de décadas por profissionais comprometidos com a dimensão política da educação, permitem afirmar que Paulo Freire nos oferece uma teoria (política e pedagógica) voltada para a construção de sujeitos de direitos, pautada nas práticas sociais cotidianas de pessoas e ou de grupos fragilizados, que sobrevivem em contextos nada ou pouco favoráveis à liberdade (mesmo que a liberal) e à escolarização emancipatória. Cabe ainda repetir, mais uma vez, que a práxis freireana está, prioritariamente, voltada para as excluídas e os excluídos dos seus direitos básicos, que resistiram e que resistem aos grupos conservadores, escravocratas e colonizadores de antanho e do tempo presente. Grupos estes que insistem e de tudo fazem para que as e os fragilizados permaneçam calados e obedientes; sejam produtivos à exaustão e consumidores de banalidades. *Them*.

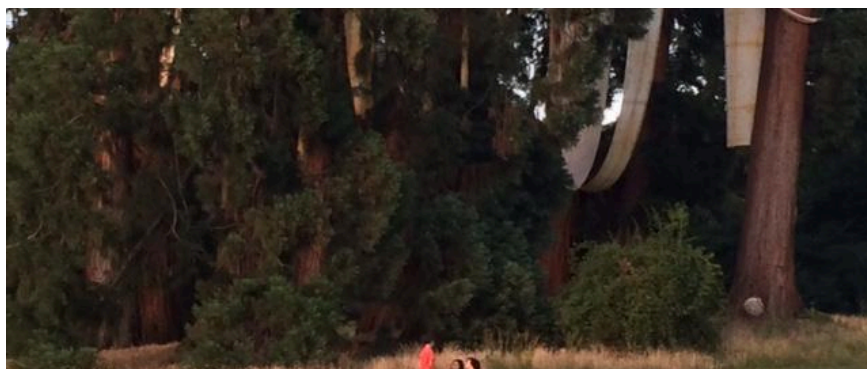
Other-than-humans[52]



Magnólias, pequenas rochas, conector esquecido ao lado do vaso, um pedaço de corda que cai, a cúrcuma em ação silenciosa e constante[53], a luminosidade, os insetos, gravetos, galhos caídos, cascas de laranja e de banana. Uvas. Rosas. Sementes de tâmaras. Sementes de cerejas. A sacola cubana de tantas cumplicidades. A ponta generosa de um baseado deixado à sombra por alguém. Musgos. Cogumelos. Música folclórica portuguesa. Um cigarro oferecido pelo estudante tunisiano. Tarek. Aracnídeos. Uma calça nigeriana. Fragmentos de grama na camiseta preta. *As quatro estações*[54]. *Présence Africaine*[55]. Um cartão postal para um amigo distante. Os óculos cada vez mais indispensáveis. Corvos. Lesmas. As aves que aqui gorjeiam[56]. Caderneta Tilibra e caneta oferecida de brinde em um hotel de Belém do Pará. As “cousas” do Manoel de Barros, do Fernando Pessoa e do rés do chão. Cabras e carneiros pastando[57] lá pros lados do Le Lignon[58]. Coelhos. Pôneis. Água da fonte, gelada e cristalina. Os peixes do lago. Os peixes do rio esverdeado. Balas, só as *Fisherman’s friend*[59]. Cobra Grande. Teria Achille Mbembe ouvido o álbum Necropolítica da banda Ratos de Porão[60]? Baratas voadoras. Crisálidas. A cordilheira. A neve dos picos que se desfaz. Fotossíntese. Buraco na camada de ozônio. Hortelã. Ella Fitzgerald *singing Useless Landscape*[61]. De cara para o sol. A foto de Marilyn, de Andy Warhol, devidamente emoldurada, na casa improvisada por um morador de rua, no Parc des Eaux-Vives. *Morphogenesis* construída à marteladas por Simon Berger[62]. Covardes assassinaram o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Philips. O André Abujamra compôs um mantra[63].

Quando é preciso deter-se[64]







Au revoir

Antes de deixar o parque e me despedir definitivamente de *Them*, depois de cinco visitas em dias e horários alternados, fiz uma *selfie* com a intenção de incluí-la como foto de apresentação no meu curriculum na Plataforma Lattes, e a foto abaixo.





Ao deixar o parque, por uma discreta ruela lateral, deparei-me com uma mansão. Curioso, aproximei-me para ver os seus detalhes e uma placa dourada próxima do portão de entrada. Tratava-se da Missão Permanente junto à ONU, da República Popular Democrática da Coreia, mais conhecida como Coreia do Norte. Um vigia fez que não observava ninguém tão perto dele. De minha parte, comportei-me como se nenhum vigia estivesse me observando. Ao lado direito do portão principal encontravam-se fotos oficiais, dispostas num painel, enfatizando a educação para a paz praticada naquele país.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato da banalidade do mal*. Trad. De José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

BINHAO, Wong; MURPHY, Madeline; LIE, Daniel. A Version of Reality: Conversation with Daniel Lie. Post-notes on art in a global context-MOMA, The Museum of Modern Art. New York, June 23, 2021, p. 12. Disponível em:
<https://post.moma.org/a-version-of-reality-conversation-with-daniel-lie/>.

CATUNDA, Marta et. al. Ecoando ressonâncias da educação ambiental: descobertas, conflitos e diálogos. *European Review of Artistic Studies*, v. 1, 2011, p. 64-83, 2011, Universidade do Minho. Disponível em: <https://www.oalib.com/journal/8483>.

CECÍLIO FILHO et. al. Cúrcuma: planta medicinal, condimentar e de outros usos potenciais. *Ciência Rural* vol. 30, n. 1, p. 171-175, março de 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cr/a/JGXyLgLPDmJHg8j7ssygmzF/?lang=pt>.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*. Trad., posfácio e notas de Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2018.

FREIRE, Ana Maria Araújo. La pédagogie de l'autonomie de Paulo Freire em France. In: FREIRE, Paulo. *Pédagogie de l'autonomie*, Toulouse: Ères, p. 13, 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. *La Pédagogie des Opprimés*. Trad. de Élodie Dupau e Melenn Kerhoas, Marseille: Ágone, 2021a.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Dialogando com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b, 2ª edição.



FREITAS, Iole de. *Sobrevôo-overflight*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso et. al., (Orgs). *Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens*. Curitiba: CRV Editores, 2015.

LIMA, José Lezama. *Paradiso*. Trad. de Josely Biscaia Vianna Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARALDO, John C. Quatro coisas e duas práticas; Algumas reflexões sobre Heidegger vindas do Oriente. In: NETO, Antonio Florentino; GIACOIA Jr., Oswaldo (orgs). *Heidegger e o pensamento oriental*. 2. ed., Campinas/Uberlândia: PHI/EDFU, 2016, p.44.

MORSCH, Carmen. Alliances for Unlearning On Gallery Education and Institutions of Critique. *Afterall: A Journal of Art, Context and Enquiry*, v.26, p.5-13, 2011.

MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Trad. De Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano II*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, p.104, 2020.

PAZ, Gaspar. Gerd Bornheim and Brazilian Contemporary Aesthetics. *Art and Media Journal*, n. 26, p.11-20, 2021.

PEREIRA, Elenita Malta. Entrevista com Prof. Dr. Marcos Reigota (UNISO). *Revista do Laboratório de História Ambiental e Ensino* v. 4, n. 6, p. 255-265, 2017, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/revistadolhidte/article/view/84979/48981>.

PREVE, Ana Maria et. al. (Orgs). *Ecologias Inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

PROENÇA, Éder Rodrigues. *Pedagogia do subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/teses/2017/eder-proenca.pdf>.

RHANNIERY, Thiago. Onde andarão as bichas loucas?. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 22, e.1158, dez.2022, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v22.1158>.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

REIGOTA, Marcos. *Meio Ambiente e Representação Social*. São Paulo: Cortez, 1994b.

REIGOTA, Marcos. A contribuição da ciência ao desenvolvimento com base ecologista, *Redes*, v. 2, n. 1, p. 177-182, julho 1997. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/10629>.



REIGOTA, Marcos. *Ecologia, Intelligtensia e Elites na América Latina: um estudo de suas representações sociais*. São Paulo: Annablume, 1999a.

REIGOTA, Marcos. *A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1999b.

REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999c.

REIGOTA, Marcos. *Iugoslávia: registros de uma barbárie anunciada*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

REIGOTA, Marcos. O nômade e a sua sombra: (Des) encontros com Friedrich Nietzsche por Sils-Maria e arredores. *Revista Espacios Transnacionales*, v. 7, n. 14, p.120-137, jun., 2020. Disponível em: www.espaciostransnacionales.org.

SEROUSSI, Benjamim. *Faça amigos, não arte*. *Revista SeLecT*, n. 43, 09 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.select.art.br/faca-amigos-nao-arte/>.

SCHNEUWLY, Bernard; HOFSTETTER, Rita. Ancrages et transferts transcontinentaux des positions de Paulo Freire : une théorie de la pratique de la liberté plus qu'une théorie de l'éducation. *L'éducation en débats: Analyse comparée*, v. 10. n. 1, p. 8-26, 2020. Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:143660>.

SMETAK, Walter. *O enxerto do Takaká & outros textos*. Salvador: Edufba/Outra&M Editorial, 2019.

TSING, Ana. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Ogs: Thiago Mota Cardoso e Rafael Vicotrino Devos, Trad. Thiago Mota Cardoso et al. Brasília: IEB, 2019.

VENÂNCIO FILHO, Paulo (org). *Iole de Freitas: corpo/espço*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Emprego a definição de Jomar Muniz de Britto, adotada nos anos 1970 por Walter Smetak, desenvolvida por ele, particularmente nas páginas 201 a 205 do livro *O enxerto do Takaká & outros textos* (Smetak, 2019). Li este livro, que me foi presenteado por Mauro Tanaka, pouco antes de escrever este texto. Na tradução para o espanhol, mantive a palavra em português, tendo como base o artigo “Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista”, publicado na Revista Brasileira de Educação por Nathália Pereira de Oliveira, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino. Considero que, apesar de fontes diferentes e grafias diferentes, as noções empregadas (no referido artigo e por mim) têm “parentesco”. Em inglês, o termo foi traduzido (no referido artigo) como



(writing-living), que me parece adequada, embora não me satisfaça. Para mais informações, ver:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yZbrhPW3VtLpbhv5jGNvjwb/> e
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yZbrhPW3VtLpbhv5jGNvjwb/?format=pdf7lang=en>.

[2] Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta de Portugal. Email: marcosreigota@yahoo.com.br.

[3] Em 1989, realizei um curso de verão nas Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento, voltado para doutorandas e doutorandos de diversas áreas e países. Na ocasião, desenvolvi um estudo sobre meio ambiente urbano com colegas da Áustria, Finlândia, Iugoslávia e Peru. Nesse curso conheci a ambientalista argentina Patrícia Gay, com quem estabeleci parcerias na África do Sul, Argentina, Estados Unidos e Brasil (Eco-92 e Fórum Social de Porto Alegre). Em 1993 retornei a Genebra para realizar o pós-doutorado, com bolsa do CNPq, com o professor André Giordan, atuando também na Academia Internacional de Meio Ambiente com Philippe Alliol. Retornei várias vezes à cidade e à Suíça a nos anos seguintes. Em Genebra conclui e negocieei a publicação de alguns livros (Reigota, 1994^a, 1994b, 1999a, 1999b, 1999c, 2001). Entre os artigos escritos na Suíça, destaco: (Reigota, 1997, 2020).

[4] Trata-se da edição que recebeu o título *La Pédagogie des Opprimés* (Freire, 2021a). A edição anterior, em francês, foi publicada em 1974 pela editora François Maspero de Paris, que traz também o texto *Conscientisation et Révolution* na capa e excluído da edição mais recente. Esse texto é a transcrição de uma conversa de Paulo Freire com um grupo de militantes ligados e ou próximos do Instituto de Ação Cultural que funcionou em Genebra, conforme informação que se encontra na página 183. Essa edição não traz o nome de quem a traduziu. A apresentação (também excluída da edição de 2021) é assinada por Le Collectif d'Aphabétisation, datada de março de 1974 (p. 7-11). Em março de 1980 foi publicada a terceira tiragem, com 20.000 a 24.000 exemplares, conforme informação que consta na página 206. Um exemplar dessa tiragem é o que tenho disponível. A edição de 2021 traz prefácio de Irène Pereira. Convém observar que o título em francês, nas edições de 1974 (1980) e de 2021 encontra-se no plural (“*des opprimés*”), ao contrário das edições em português (“do oprimido”) e que na edição de 2021 foi acrescentado do artigo (la), ausente na edição de 1974 e nas edições em português.

[5] Publicado em 2022, em Paris, pela Actes Sud e Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, com prefácio de Emanuele Coccia.

[6] Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=rdNyRP8rw-s>.

[7] O catálogo encontra-se disponível em: <https://sculpturegarden.ch/edition-2022>.

[8] Sobre a obra de Iole de Freitas, ver: Venâncio Filho, 2018; Freitas, 2002 (que traz artigos de, entre outros e outras, Haroldo de Campos, Sonia Salzstein e Márcio Doctors e os catálogos de suas exposições ocorridas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, intitulada *O peso de cada um*, ocorrida de julho de 2015 a janeiro de 2016, e no Centro de Arte Hélio Oiticica, ocorrida de 18 de maio a 6 de agosto de 2000).

[9] Disponível em:

<https://domaine-chaumont.fr/fr/centre-d-arts-et-de-nature/archives/saison-d-art-2022/john-grade>.

[10] No original: “In Daniel Lie’s artistic practice, time and ecosystems play a key role. The artist creates installations in which organic living elements transform themselves, thereby performing their own temporality, and their intentions. For Sculpture Garden, Lie has created an *in situ* installation hanging from monumental sequoias. The artist approaches those other-than-human beings, aged over two centuries, with respect and draws inspiration from their semi-circular arrangement, creating a form of sanctuary in which visitors are invited to stay for a while. As is title Them indicates, the artist’s free-floating installation disrupts the structures of binary thinking, such as past and present, humans and non-human, exhibition and introspection”. A informação acima (em francês e em inglês) se encontra no catálogo impresso. Participaram da elaboração do texto Devrim Bayar, Philippe Hunt e Charlotte Diwan. O catálogo impresso não traz a numeração das páginas.

[11] Daniel Lie é transgênero e a terminologia que será utilizada na sequência do texto segue as orientações que têm sido empregadas em espaços de reconhecimento e aprofundamento dos direitos desse grupo. Para esse fim sigo a



terminologia presente no artigo de sua autoria “Mida e Vorte:Tempo podre/Dife and Leath: Time Rots”, publicado em português e inglês, em 19 de outubro de 2022, em *Post-notes on art in a global contexto-MOMA-The Museum of Modern Art*, New York (para ver o artigo em português, acessar <http://post.moma.org/mida-e-vorte-o-tempo-podre/> e em inglês em: <http://post.moma.org/dife-and-leath-time-rots/>). Na exposição que Lie realiza no momento da revisão deste texto, na Pinacoteca de São Paulo, ele é apresentado como Dan Lie. Ver (para mais informações, acessar <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/dan-lie-deixar-ir/>). Optamos (editoras e autor) por manter a seu nome, como foi apresentado em Genebra e, posteriormente, na 35ª Bienal de São Paulo, realizada em 2023.

[12] O catálogo se encontra disponível em: <https://ccbb.com.br/acervo/catalogo-brasilidade-pos-modernismo/>. As referências e fotos do trabalho de Daniel Lie encontram-se nas páginas 112-115.

[13] No original: “Three key concepts in my artistic practices have been shaped by my teaching studies at São Paulo State University (UNESP); The pedagogy of autonomy, a concept from Paulo Freire, *Pedagogy of Freedom: Ethics, Democracy and Civic Courage* (Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1998 first published in 1996 in Brazil), analyzing the world through visual culture and not only through fine arts, and unlearning as a tool of living. This education gave me an understanding of art as a useful expression of deep social critique and contribution. I like to challenge myself by asking how my life and to the communities that I surround myself with. I often make works that are homages to the people and other-than-humans with whom I have developed strong kinship. This artistic process has allowed me to learn and connect more deeply with the world around me. For instance, the installation and performance work *Lindinalva and the Balm* (2016) was a testament to the ninety-five years of my late grandmother’s life. *The site-specific installation Death Center for the Living Presents: East to East* (2018), co-conceived with Anerina da Costa (my aunt), and artist Carmen Garcia and Jup do Bairro, was a multilingual installation that included archival images, poems, and performative elements that functioned as a lab of collective practice and authorship. Fortunately, through my work, I was also able to honour my father, who recently died of Covid-19 at age sixty-four. I titled my debut gallery exhibition *Lie Liong Khing* (2015) after him. These acts have given me peace, as they bear witness to the passage of time and become a testimony to life” (Binghao; Murphy; Lie, 2021).

[14] “Environmental Education in Brazil and the Influence of Paulo Freire”, publicado no livro *The Oxford Encyclopedia of Educational Administration*, organizado por Rosemary Papa para a editora da Universidade de Oxford em 2021, p. 591-605, e anteriormente, em abril de 2020, na revista online *Oxford Research Encyclopedia of Education*, disponível em: <https://oxfordre.com/education/view/10.1093/acrefore/9780190264093013.685>. Sobre a perspectiva ecologista de educação, ver também a coletânea organizada por Thiago Henrique Barnabé Corrêa e Leonardo Mendes Bezerra, publicada após a escrita deste texto. Disponível em <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/perspectiva-ecologista-de-educacao-o-legado-reigotiano-nos-cotidianos-aprendentes/>.

[15] Entre inúmeros artigos de Ranniery, destaque: (Ranniery, 2022).

[16] (Proença, 2017).

[17] Disponível em: <https://youtu.be/yeHfm-vRJZ8>.

[18] Coletânea de artigos da autora publicados em inglês em diversas revistas, organizada por Thiago Mota Cardoso e Rafael Vicotrino Devos e traduzido por Thiago Mota Cardoso et al (Brasília:IEB, 2019).

[19] (Freire; Guimarães, 2021b). Escrevi o texto da “orelha” do livro, onde observei: “O diálogo (entre Paulo Freire e Sérgio Guimarães) iniciado em Genebra apresenta elementos da história contemporânea com a significação de quem os vivenciou, prática concreta de um conceito-chave de Paulo Freire, o de sujeito da história”.

[20] Faço aqui uma síntese dos mais de 10 anos de convivência, amizade e de parceria com Marta Catunda. Os estudos sobre paisagem sonora que ela realizou são inúmeros e destaque o artigo que publicamos em coautoria, tendo também a parceria de Carmensilvia Maria Sinto e Marcelo Silveira Petraglia (Catunda et. al., 2011).

[21] Sobre o filósofo brasileiro de origem alemã ver: Paz, 2021. Refiro-me aqui a um evento do qual participei ao lado de Gerd Borheim pouco antes de seu falecimento.



[22] “A jarra” ou o jarro (*Krug*) serve para manter algo para bebermos, para desfrutarmos e nutrirmo-nos. Uma jarra pode ser um belo recipiente que compramos no mercado, ou numa feira de artesanato, ou pode ser uma requintada obra de arte em exposição numa galeria. Como uma jarra, contudo, a maioria das vezes é simplesmente uma coisa útil (*Zeug*) cujo uso diário exemplifica a prática instrumental de que estamos falando. O tratamento dado a esse tipo de coisa se altera nos escritos posteriores de Heidegger sobre *Gelassenheit*, em que sua utilidade assume uma perspectiva oriental. No diálogo imaginário entre Heidegger, um cientista, um filósofo da academia e um pensador, em um passeio pelo campo ao cair da tarde, a jarra serve como exemplo de coisa que pode ser pensada de dois modos diferentes: através do pensamento representacional (*vorstellendes*) e por meio do pensamento alternativo denominado *Gelassenheit*. *Gelassenheit* é a palavra escolhida por Heidegger para expressar o modo de experimentar o existir essencial (*das Wesen*) dos seres humanos e das coisas”. (Maraldo, 2016).

[23] Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=LC-S0fTMY-M>.

[24] Referência à performance *Lindinalva e o Bálamo*, realizada com a participação de sua avó, conforme matéria de Tatiana de Assis para *Veja São Paulo* intitulada “Entendo que vai além do aspecto biológico, diz Daniel Lie sobre família”, publicada em 21 de fevereiro de 2020 e atualizada em 27 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/arte-ao-redor/entendo-que-vai-alem-do-aspecto-biologico-diz-daniel-lie-sobre-familia/>.

[25] Título de uma das obras de Daniel Lie, apresentada na exposição *Brasilidade: Pós-modernismo*.

[26] Referência à música de Jards Macalé e José Carlos Capinan, *Farinha do desprezo*, gravada por Macalé no seu primeiro álbum, em 1972. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=R8dkzWgz38>.

[27] Filmes de Glauber Rocha.

[28] Música de Jards Macalé e José Carlos Capinan, gravada em diferentes momentos por Jards Macalé, Maria Bethânia e Ava Rocha. Ver Fred Coelho, *Jards Macalé: Eu só faço o que quero*. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2020. A interpretação de Ava Rocha encontra-se disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=U-OyfwkTaY>.

[29] Referência ao livro de Robert Musil (2015).

[30] Referência ao livro da Hannah Arendt (2013).

[31] Referência ao livro de Achille Mbembe (2020).

[32] Referência ao livro organizado por Ana Maria Araújo Freire (2021c).

[33] Trecho da música de Belchior, *Fotografia 3x4*, interpretada por ele, em seu segundo álbum, lançado em 1976. Disponível em https://m.youtube.com/watch?v=I9jmH0a_CmA.

[34] Referência ao poeta, antropólogo e ativista Nestor Perlongher.

[35] Referência ao livro de José Lezama Lima (1987).

[36] Referência à música *Alucinação*, de Belchior, gravada por ele em 1976 no álbum homônimo. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=61UN75_MkWU.

[37] Referência ao livro de Fiódor Dostoiévski (2018), com xilogravuras de Oswaldo Goeldi “realizadas para a edição de 1941 publicada pela Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro” (conforme nota incluída na página 4).

[38] Música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes gravada inicialmente por Elizeth Cardoso, em 1958, no álbum *Canção do Amor Demais* e posteriormente por Alaíde Costa, Áurea Martins, Gal Costa, Nana Caymmi, Olivia Byington, Sílvia Telles, Zélia Duncan, Wanda Sá, entre outras e outros intérpretes. Disponível em: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/musica/1976>. Destaco a interpretação de Gal Costa disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=5OILHCqmFFY>.

[39] Referência ao filme de Alain Tanner, *Jonas*, que terá 25 anos no ano 2000, de 1976.

[40] Daniel Lie residiu na Kunstlerhaus Bethanien de Berlim, segundo informa o site da instituição disponível em: <https://www.bethanien.de/en/artists/daniel-lie/>, onde realizou uma exposição, conforme vídeo disponível em:



<https://www.bethanien.de/en/exhibitions/daniel-lie>. A repercussão do seu trabalho na Alemanha pode ser constatada em *Artist Talk: Daniel Lie in Conversation with Nomaduma Rosa Masilela*, disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=aOuqOahNiKA> e em sua participação na exposição coletiva *Park Platz* disponível em: <https://berlinischegalerie.de/en/article/trailer-park-platz/>.

[41] Centro cultural em São Paulo, onde Daniel Lie apresentou, idealizou e coordenou o projeto *Rotten TV*, “uma plataforma de pesquisa online que estuda o tema da Podridão. O projeto aproveita as discussões da COP26 (Conferência das Partes das Nações Unidas) para partilhar trabalhos de artistas e pensadores que repensam ideias sobre morte, vida e renovação dos ecossistemas, articulando ideias que atravessam a noção de apodrecimento e seus mais diversos simbolismos”. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/rotten-tv/>.

[42] Daniel Lie tem mantido estreitos laços com o país de seu pai. Entre suas colaborações com a Indonésia encontra-se a desenvolvida com o Coletivo Ruangrupa, como Farid Rakun explicita em entrevista concedida a Benjamim Seroussi (2019). O Cemeti Institute for Arts and Society, de Jacarta, participou do projeto *Rotten TV*, conforme informação disponível no link indicado na nota de rodapé número 40.

[43] Em 12 de outubro de 2017, Daniel Lie postou em seu canal no Youtube um vídeo de sua viagem a Samarang, cidade natal de seu pai. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_C-umv8haB0.

[44] Fotos de Daniel Lie diante de sua instalação em Genebra encontram-se disponíveis em: <https://www.casatriangulo.com/pt/news/317-daniel-lie--geneva-biennale-sculpture-garden-parc-des-eaux-vives-geneva-switzerland--10.06.2022/>.

[45] Sobre esse movimento, ver as duas antologias: (PREVE et. al, 2012; GUIMARÃES et. al, 2015). Sobre a minha participação nesse grupo, ver a entrevista que dei à professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondonópolis Elenita Malta Pereira (2017).

[46] (Schneuwly; Hofstetter, 2020).

[47] A série encontra-se disponível em: <https://youtu.be/qLOLXqIWpNU>.

[48] (Morsch, 2011).

[49] Ver o site do coletivo disponível em: <http://microsillons.org/>.

[50] No original: “*Pédagogie de l'autonomie* n'est pas un livre de plus dans l'immense oeuvre de Paulo. Il est le livre qui fait la synthèse de sa Pédagogie de l'opprimé et le valorize em tant que personne. Il est um livre-testament de sa presence dans le monde" (FREIRE, 2013).

[51] Cito passagem no original: “Premier constat; Il s'agit d'un livre que contient très peu de références, il paraît comme non situé théoriquement, avec em tout cinq textes d'autres auteur-es. Deuxième constat: Les quelques références à d'autres concernent des aspects mineurs du point de vue de son argumentation (...).Troisième constat: Freire se cite surtout lui-même, em l'occurrence 15 fois, référant à ses livres” (Schneuwly; Hofstetter, 2020, p. 20).

[52] Tema recorrente no trabalho de Daniel Lie. Ver por ocasião de sua exposição no New Museum de New York, ocorrida de 17 de fevereiro de 2022 a 05 de junho de 2022, o artigo “Exploring micro and macrostructured fungi Works by Daniel lie at 'Unnamed Entities’”, publicado no site *STIRword* em 01 de junho de 2022 (Disponível em: <https://www.stirworld.com/see-news-exploring-micro-and-macrostructured-fungi-works-by-daniel-lie-at-unnamed-entities>) e *Other-than-human relationships: towards new ethics of care*, que foi o tema da conversa de Daniel Lie com o curador Bernardo Mosqueira ocorrida em 26 de abril de 2022 no New Museum de Nova York (Disponível em: <https://www.newmuseum.org/calendar/view/1781/other-than-human-relationships-towards-new-ethics-of-care>). O registro da conversa encontra-se em: <https://vimeo.com/710983350>. O artigo de Ayanna Dozier “A New Generation of Land Artists Are Bringing Earth into Galleries and Museums”, foi publicado em 22.06.2022 no site *Artsy* (Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-ne-generation-of-land-artists-are-bringing-earth-into-galleries-and-museums>).

[53] Sobre essa espécie originária do sudeste asiático, ver: Cecílio Filho et. al., 2020.

[54] Álbum da banda Legião Urbana, lançado em 1989. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=cRPtMr9J88k>.



[55] Histórica editora especializada em autoras e autores africanos. Ver o site disponível em:

www.presenceafricaine.com.

[56] Referência ao poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias.

[57] Referência à música *Casa no Campo*, de Zé Rodrix e Tavito interpretada por Elis Regina no álbum de 1972.

Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=3Owue6Ow840>.

[58] Conjunto residencial popular de Genebra, famoso pela sua diversidade cultural e arquitetura arrojada.

[59] Marca de balas de diversos sabores.

[60] Disponível em

https://m.youtube.com/watch?v=xyLbGmzPnd8&list=OLAK5y_16-5nmeRvrxrBGNdUro1Inwi3ETQO1zRAs&index=4.

[61] Versão de Ray Gilbert para *Inútil Paisagem*, de A. C. Jobim e Aloísio de Oliveira, gravado pela cantora no álbum, *Ella abraça Jobim*, de 1981. Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=075pFnccGSs>.

[62] Referência à escultura de Simon Berger, instalada na Ilha Rousseau de Genebra, como projeto especial da Sculpture Garden 2022.

[63] Trata-se do remix *Wahanararai* realizado por André Abujamra a partir de um vídeo no qual Bruno Pereira cantarola uma canção indígena. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=rTmPvw-fPT0>. Em de janeiro de 2023, quando escrevo este texto, o Brasil tem constatado a crueldade que os Yanomami têm enfrentado. Entre todos os documentos disponibilizados recentemente, destaco a nota do Ministério Público Federal, intitulada *Medidas adotadas para a proteção de povos que habitam a TI Yanomami*. Nessa nota fica evidente o processo de extermínio apoiado, quando não estimulado, pelo governo federal de extrema-direita, eleito em 2018 (Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/nota-publica-6ccr-terra-yanomami>). Merece também destaque a premonitória entrevista que Davi Kopenawa concedeu a Paulo Henrique Pompermaier, intitulada “Devir índio” e publicada na revista online *Cult* em 06 de abril de 2017. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/devir-indio/>.

[64] Título do aforismo de número 303 de Friedrich Nietzsche (2020). O filósofo assim escreveu: “Quando as massas começam a enraivecer e a razão se obscurece, é conveniente, não se estando seguro da saúde da própria alma, meter-se debaixo de um portal e observar o tempo”.